

A CONTRIBUIÇÃO DA NEUROCIÊNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO

Josefa Edna Trajano da Silva¹

Alcione Soares Moreira²

RESUMO

Essa pesquisa, é fruto de uma intervenção realizada no período de ensino remoto, acometido em decorrência da pandemia causada pelo COVID-19 e tem como objetivo relatar a prática docente atuante nos desânimos cognitivo que causou agravamentos nas dificuldades de alfabetização, apresentadas pela turma do então 3º ano do Ensino Fundamental, matriculados na Escola Municipal Joana Maria da Conceição, em Araruna-PB. Objetivando provocar estímulos neuronais apropriados para a aquisição das habilidades essenciais para atingir o processo de alfabetização, tendo como base a estimulação da consciência fonológica e o desenvolvimento cognitivo, na busca de atingir preceitos resultantes no abatimento dos impactos causados pelas circunstâncias que afastaram as crianças do ambiente escolar. Essa intervenção teve como respaldo didático estudos ligados à área da alfabetização, bem como os fundamentos da neuroeducação que vem buscando aliar a educação a outras áreas de interesse no desenvolvimento cognitivo, a fim de compreender o processo do ensino-aprendizado. Dessa forma, buscou-se direcionamento conceitual e subsídios que emanaram como apoio aos fatores aqui referidos em conjunto com as contribuições de teóricos do campo da alfabetização. Assim constitui-se um enfoque de pesquisa qualitativa, uma vez que elucida e colabora para o desenvolvimento das capacidades cognitivas relacionada ao processo de aprendizado das habilidades necessárias para a alfabetização remota.

Palavras-chave: Alfabetização, Desenvolvimento Cognitivo, Neuroeducação, Método Fonoarticulatório, Ensino Remoto.

1- INTRODUÇÃO

De repente, se fecharam as portas, o medo tomou conta da população e na incerteza do que estava por vim, o alunado por um tempo restringiu-se do direito de estudar, como um pássaro que é impedido de voar por um caçador que o coloca em uma gaiola. Assim foram os nossos alunos, com o decreto que os tirou da sala de aula, bem no início do ano letivo 2020. Para tanto, como medida emergencial surge o desafiador ensino remoto; ninguém estava preparado e tão pouco seguro do que se podia fazer para alcançar o tão almejado sucesso no

¹ Pedagoga e Especialista em Neuroaprendizagem e Práticas Pedagógicas, professora efetiva da rede Municipal de Ensino – Araruna/PB; ednatrajano_pb@hotmail.com;

² Pedagoga e Especialista em Tecnologia educacional/Ciências Naturais, professora alfabetizadora efetiva da rede Municipal de Ensino – Araruna/PB; alcionesmpb@gmail.com;

ensino e aprendizado, de tal modo, muitos foram os desafios que levaram aos resultados em nível de alfabetização trazidos na bagagem dos alunos no recorrente ano, da turma do então 3º ano do ensino fundamental, matriculados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joana Maria da Conceição, localizada na zona rural em Araruna-PB. Para qual fez-se necessário a construção e aplicação do projeto interventivo: “Vamos dar um grau no Cérebro”, uma vez que, os estudantes chegaram desmotivados e com um nível de alfabetização muito abaixo do esperado para a série/ano escolar. Desse modo, o propósito maior do projeto é sanar os impactos escolares causados pela pandemia, bem como preparar o cérebro da criança, com estímulos sinápticos corretos para desenvolver a neuroplasticidade, embasando-se nos trilhos da neuroeducação. *Visto que, a neuroeducação é a área que, junto com as áreas afins como a psicologia, a pedagogia e a neurociência cognitiva, busca compreender o processo de ensino-aprendizagem* (TOKUHAMA-ESPINOSA, 2011). Assim, a professora e também autora desse relato busca em cursos de formação continuada ligados a Neurociência e Educação, conhecimentos para atuar na individualidade de cada aluno e por que não dizer que a mesma busca alcançar o ponto chave de cada criança, o cérebro, órgão onde se é desenvolvido o aprendizado.

Mediante os fatores apresentados, este trabalho tem como propósito maior, relatar a organização e práticas docente, vivenciadas na turma supracitada, no período de ensino remoto, objetivando provocar estímulos apropriados para consolidação do processo neuronal, com base nas experiências que provocam modulação e modificação do comportamento, o qual conhecemos como aprendizado. Uma desafiadora tarefa que conta com a participação de outros processos, tais como: Motivação, atenção e emoção, visando preparar o cérebro da criança para a alfabetização. Tais processos, foram estingados e promovidos em atividades orais e impressas de cunho qualitativo e cognitivo com embarque nas habilidades de percepção, atenção, memória seletiva, raciocínio lógico e consciência fonológica, vivenciadas nos meios virtuais, uma vez que a criança encontra-se estudando no seu ambiente doméstico com apoio ativo do contato docente, nas aulas síncronas e assíncronas. Esta prática deu-se sob a orientação pedagógica da mentora e psicopedagoga Carla Silva, com respaldo na Neurociência para alfabetização.

2- METODOLOGIA

Esse trabalho partiu da execução do projeto interventivo o qual foi executado por vias midiáticas, na turma do 3º ano acima mencionada, separadas por nível de alfabetização,

diagnosticado em frequentes avaliações do nível de escrita e de leitura, avaliação estas, consideradas nosso termômetro mediador dos passos a serem seguidos. Uma vez que, a intervenção atribuída aos docentes não alfabetizados, segue o caminho adotado pelo método fonoarticulatório de alfabetização e letramento, integrado ao conjunto dos métodos sintéticos que privilegiam as correspondências grafofônicas, com ênfase na estimulação do desenvolvimento das funções executivas, sendo assim, são aplicadas atividades que fogem da tradicional prática de valorizar apenas a escrita, como um meio de prender o tempo e a atenção do alunado, valorizamos os estímulos auditivos, visuais e orais. A criança é estimulada a ouvir e executar funções, como meio de desenvolver o processamento auditivo, responsável pela compreensão do que se ler. Assim como, recebe estimulação para extrair informações visuais, num processo de transformação do grafema em fonema, como um maravilhoso entrelace neuronal. Vale ressaltar que o ambiente onde a criança encontra-se estudando, não favorece a obtenção de conhecimento, o mesmo se torna um estímulo negativo e não colaborativo para as práticas estudantis, mais um desafio cognitivo a ser vencido, em especial para a transição do método de alfabetização, onde os membros da família, diretamente ligados ao processo, dão suas contribuições da forma como os foi ensinado no período em que também eram estudantes, por outro lado o método utilizado pela escola foge do tradicionalismo que os trouxe até aqui como mais um aluno para o índice do fracasso escolar. Deste modo, trafegou-se pelos seguintes passos: De antemão foi apresentado aos pais, em uma vídeo chamada, a metodologia e expectativa, bem como o processo de ensino aprendido necessário para a obtenção dos avanços almejados, assim acordou-se que, embora as crianças estejam em casa, o pai assumirá um papel de mediador, sem interferir diretamente nas atividades propostas. Esta, uma medida essencial para obtenção de resultados verídicos nas atividades de sondagem e etc., o projeto pode contar com um material impresso previamente elaborado e disposto aos estudantes, o mesmo abarcando atividades a serem mediadas nas aulas síncronas e assíncronas, Os jogos também tornaram-se um importante aliado no processo, uma vez que, o mesmo colabora para a obtenção do aprendizado seguindo o processo de memorização e estímulo, por sua vez, estes foram dispostos ao alunado de forma impressa, virtual e alguns casos o jogo físico (segundo as medidas de higiene necessárias para evitar o contágio do COVID-19), como maneira de obter reflexos da articulação bucal na emissão dos sons fonéticos, fez-se usos de espelhos e/ou a própria câmera do celular. Desse modo, efetiva-se uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que, objetiva contribuir para práticas inovadoras que foram desenvolvidas durante a construção

deste relato, abraçando-se com estudos bibliográficos de punho neuroeducacional, dispostos em livros, artigos e documentos que abordam o tema do interesse aqui relatado.

3- REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização sempre foi pautada como um problema gerador de conflitos de opiniões entre os inovadores e os tradicionais, todavia os altos números de analfabetismos vêm se arrastando em nosso país, como aponta os dados do IBGE (2019), o Brasil tem 11,3 milhões de analfabetos, uma taxa de 6,8% de pessoas acima de 15 anos que não sabem ler ou escrever. Considerando que antes da pandemia causada pelo COVID-19, o país não havia alcançado a meta do Plano Nacional de Educação para 2015, numa perspectiva de erradicar o analfabetismo até 2024. O que já era um número alarmante torna-se ainda pior com o fechamento das escolas, como afirma uma pesquisa feita pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) onde destaca que *a “alfabetização foi a etapa do ensino mais afetada pela pandemia no Brasil”. O acesso à educação regrediu a números de duas décadas atrás.* Como apresentado no telejornal, intitulado Jornal Nacional, na noite de 22 de julho de 2021.

Estamos no segundo ano do ensino a distância nas escolas públicas, a realidade em que nos deparamos na turma em destaque nessa pesquisa, confirma os dados supracitados, sendo a turma do 3º ano do Ensino Fundamental, período escolar que se espera do alunado a consolidação do processo de alfabetização, bem como as habilidades de ler, interpretar e produzir textos, além do desenvolvimento das habilidades matemáticas de raciocínio lógico. Todavia, ainda atendidos pelo ensino a distância, o alunado iniciou as atividades escolares deste ano letivo apresentando um baixo rendimento escolar, desmotivados e assustados pelo cansaço e perturbação mental causados no ano anterior, 50% de um número de 14 de alunos, encontravam-se não alfabetizados e com dificuldades na coordenação motora fina, apresentando rigidez muscular no movimento de pinça, o que dificulta a habilidade de caligrafar no caderno colegial. Na busca de entender o nosso ponto de partida, realizamos sondagem do nível de escrita alfabética, como afirma a Psicopedagoga CARLA SILVA (2020):

Realizar uma sondagem de escrita tem como principal objetivo diagnosticar níveis de escrita para que possamos compreender como o sujeito está refletindo esse processo. Avaliar numa perspectiva de sondagem, não é o mesmo que atribuir notas ou corrigir a produção, mas compreender a perspectiva do avaliado (CARLA SILVA 2020, p.112.)

Objetivando adotar a sondagem de nível de escrita como uma atividade periódica, elaboramo-las de forma sugestiva para facilitar a demonstração da hipótese diagnóstica de cada criança. Considerando que, de acordo com FERREIRO (1995):

A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Uma vez construído, poder-se-ia pensar que o sistema de representação é aprendido pelos novos usuários como um sistema de codificação. (FERREIRO 1995, p.12):

Assim sendo, na turma referida, metade dos alunos encontrava-se em nível de escrita alfabético, porém, a outra metade, ainda pré-silábicos, apresentando variedade na quantidade e no repertório de letras, estes aos quais nos deteremos nessa pesquisa. Nesse momento, efetivamos o entendimento do que cada criança traz na bagagem a nível compreensão do processo. Para entender a lógica desse processo de construção nos embasamos no que diz, WEISZ 1988, quando afirma que:

A criança começa diferenciando o sistema de representação escrita do sistema de representações do desenho. Tenta várias abordagens globais (hipótese pré-silábica), numa busca consistente da lógica do sistema, até descobrir o que implica uma mudança violenta de critérios que a escrita não representa o objeto a que se refere e sim o desenho sonoro do seu nome... (WEISZ 1988, p.73).

Notamos a necessidade de um plano de ação, como meio de alavancar o grau de alfabetização, uma medida urgente, considerando a realidade de outras crianças, hoje adolescentes que passaram pelas séries/anos iniciais sem desenvolver a alfabetização e até então prosseguem com essa dificuldade, aumentando as estatísticas negativas em nível de Educação que o nosso país carrega. Desta maneira, os discentes em foco nessa pesquisa, seriam fortes candidatos a fazerem parte deste grupo mencionado, os mesmos já vítimas de rotulações e estímulos negativos por parte dos demais colegas da sala de aula, agora bruscamente atingidos pelo fechamento da escola.

3.1 PROJETO DE INTERVENÇÃO: VAMOS DAR UM GRAU NO CÉREBRO

Consideramos o nosso ponto de partida como os processos mentais relacionados ao Lobo frontal: as funções cognitivas; elaboramos o projeto de intervenção: “Vamos dar um grau no Cérebro”, visando otimizar as capacidades de percepção, atenção, memória, linguagem e funções executivas da criança. Como ilustra o neurocientista francês STANISLAS DEHAENE: (2012): “*Atrás de cada leitor se esconde uma mecânica neuronal admirável de precisão e eficácia, a partir da qual começamos a compreender a organização da leitura*” (STANISLAS DEHAENE, 2012, p.21)

Diante desta afirmação, ressalta-se que o trabalho do professor, está inteiramente ligado à dinâmica neuronal presente no cérebro infantil.

Inúmeras pesquisas comprovam que a leitura e a escrita diferente do falar, do ouvir e etc. não é uma habilidade inata ao cérebro, às mesmas são invenções culturais, o cérebro precisa de adaptações para aprender a ler e escrever. Assim justifica-se que, aprender a ler e escrever não é fácil, informação esta de suma importância para o sujeito que assume o papel de professor. Como afirma a Psicopedagoga CARLA SILVA 2020:

É inadmissível que nós, professores especialistas, não entendamos o mínimo que seja sobre o funcionamento cerebral das crianças pelas quais somos responsáveis. O professor precisa se ver como especialista no desenvolvimento infantil (CARLA SILVA 2020, p.45)

Entender a nossa atuação no sistema cognitivo das crianças envolvidas no projeto foi essencial pra a elaboração dos planejamentos semanais embasados na Neuroeducação, com estímulos cognitivos corretos que alcançaram com maior sucesso aqueles alunos participantes das aulas síncronas e assíncronas, ocorridas nos dias letivos, o mesmo abarcando uma abordagem clínica, porém desenvolvida institucionalmente, fugindo dos parâmetros mecanicistas e das populares apostilas prontas que circulam na internet.

O referido projeto veste-se da teoria de Jean Piaget. *“Para o estudioso, o conhecimento não nasce com o sujeito ou emerge apenas da experiência prática”*. O conhecimento para Jean Piaget está em constante construção. Dessa maneira, nos orientando pelas ideias construtivistas, incentivamos o protagonismo dos nossos estudantes.

Magda Soares (2017) afirma que o método de alfabetização *“é um conjunto de procedimentos que precisam estar fundamentados em teorias e princípios linguísticos, epistemológicos e suficientemente flexível para que toda prática pedagógica possa superar as dificuldades que são percebidas externamente”*. Sabe-se que o construtivismo não é um método de ensino, como muitos chegaram a pensar, o mesmo é uma teoria de ensino que veio para desconstruir muitos conceitos sobre aprendizado, trabalhando dentro do que é conceitual e teórico.

3.2. O MÉTODO, um importante aliado

Os métodos de alfabetização estão divididos em dois grupos: Sintéticos e Analíticos, sendo o primeiro pautado na nomeação de letras, sílabas, famílias silábicas e nos sons das letras, o mesmo parte da menor unidade para a maior. Já o segundo defende que a alfabetização ocorre partindo do macro para o micro, ou seja, partindo da maior unidade para a menor unidade. Como afirma a psicopedagoga CARLA SILVA (2020, p.30).

O Método adotado pela atuação a qual nos detemos para realização do projeto, integra o conjunto dos métodos sintéticos, com ênfase nas correspondências grafofônicas, seu foco principal é a relação direta entre fonema e grafema, ou seja, entre o som da fala e a escrita, o qual foi âncora para alcançar o processo de alfabetização, no projeto de intervenção: “Vamos dar um grau no Cérebro”, articulado ao Método Fonoarticulatório como o mais apropriado à turma em destaque. Assim, consideraram-se os seguintes fatores: A turma estando no seu ambiente doméstico, passível de concorrentes cognitivos (visuais, sonoros, sociais e emocionais) que resultam em estímulos negativos, além das dificuldades de leitura e escrita, apresentava um baixo desejo de aprender, gerados pelas rotulações e fracassos escolares sofridos em anos anteriores.

Para tanto, fez-se necessário o uso de um método eficiente que além de prazeroso, apresente resultados em um curto prazo, pois os alunos já perderam muito tempo sem se alfabetizar. Dessa maneira, passamos a oferecer conhecimentos alfabéticos através de estímulos fonéticos e articulatórios. Propondo atividades que impulsionem o desenvolvimento da Consciência fonológica. Para SOARES (2018 p.166, grifos da autora)

“essa capacidade de focalizar os sons das palavras, dissociando-as de seu significado, e de segmentar as palavras nos sons que as constituem caracteriza a consciência fonológica[...]” (SOARES 2018, p.166)

Considerando a postura mecanicista de alfabetização, apresentada pelo alunado, o que resulta em uma confusão mental, visto que, a leitura ocorre pelas vias, visuais, orais e auditivas, vias estas que também se atrelam aos concorrentes cognitivos do ambiente doméstico. Aliado a prática de soletração, onde a criança faz o cérebro processar os sons de cada letra, a fim de constituir a segunda etapa sonora: A sílaba e enfim a terceira etapa que é a palavra. Um processo cansativo, confuso e dificultoso, que comprova que ensinar o cérebro a ler não é fácil. O que é imprescindível que haja a desconstrução dessa prática abortiva já acomodada no sistema cognitivo dos alunos, que foram induzidos ao desenvolvimento das habilidades de discriminar e manipular os segmentos sonoros da fala de modo consciente, refletindo sobre a consciência do som da palavra, das partes iguais das palavras (rimas e aliterações), da consciência silábica e tendo consolidado a consciência fonêmica. (RIBEIRO,1936, apud MORTATTI, 2000) nos provoca, com a seguinte frase:

“Como a arte da leitura é a análise da fala, levemos desde logo o aluno a conhecer os valores fônicos das letras, porque é com o valor que há de ler e não com o nome delas.” (RIBEIRO,1936, apud MORTATTI,2000, p.54)

Ressaltamos que o processo da consciência silábica deu-se pelo ensinamento dos sons de cada letra (e não pelo nome da letra) atrelado a observação do movimento articulatório

produzidos pela boca ao emitir determinados sons, prática inovadora, que facilita a obtenção dessa consciência, uma vez que a criança, leva menos informações para o cérebro, estimulando-o a processar e aglutinar os sons que formam a sílaba. Como ilustra a Psicopedagoga Carla Silva, “*É preciso entender que B e A são letras. Juntas, não formam o som /BA/ e, sim, “BÊA”*”.

O método de ensino é responsável pelo entendimento que o nosso cérebro processa, ou seja, pela produção de sinapses neuronais determinantes para a neuroplasticidade cerebral, nome que se dá a consolidação do aprendizado, uma vez que é conhecida como a capacidade do sistema nervoso de mudar, adaptar-se e moldar-se, conforme capta as conexões neuronais provocadas pelo ambiente externo.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Independente de o ensino continuar a ser remoto, até o momento da construção desse artigo, com métodos eficazes e respeitando o processo em que cada criança está inserida, os estudantes atingidos pelo projeto, em um período curto, cerca de 90 dias, demonstram avanços significativos no desenvolvimento cognitivo com reflexos na alfabetização, dessa maneira, evidencia-se que, desde que o professor e o aluno tenham contatos, seja esse contato físico ou virtual, com aulas bem preparadas e sabendo aonde quer chegar, o desafio das aulas síncronas e assíncronas torna-se amortecidos pelos avanços obtidos no percurso letivo, uma vez que o professor seja consciente de que ato de ler não é fácil para a criança e tão pouco inato ao cérebro.

Considerando os desafiantes percalços neuronais acometidos pelo afastamento das crianças da sala de aula, estabeleceram-se como prioritário os conhecimentos de punho alfabetizadores, como primeira atividade diária, valorizando o tempo aproximado de 30 minutos de atenção da criança.

O processo didático aplicado deu-se como resultado de pesquisas no âmbito da neuroeducação, com aplicações práticas de atividades e estímulos cognitivos corretos e necessários para a provocação de excitações neuronais induzindo da neuroplasticidade cerebral, estes estímulos deram-se nas aulas síncronas e assíncronas com as seguintes estratégias de ensino:

- Atividades previamente preparadas e dispostas no material impresso com estímulos a:
Habilidades auditivas, raciocínio lógico, consciência da palavra, consciência da sílaba,

rimas e aliterações, consciência do fonema, consciência fonêmica, até chegar à preparação da criança para o aprendizado e reconhecimentos dos valores sonoros das letras;

- Registros fotográficos e de vídeos caseiros;
- Jogos online e/ou concretos;

Evidencia-se que, foi possível promover surpreendentes resultados na alfabetização dos discentes em foco. Em um período curto, o alunado “que participou das aulas remotas” apresentaram avanços no nível de escrita os quais se encontram refletindo o processo com características silábica alfabética, tais como evidenciam terem desenvolvido a Consciência silábica e estão em processo na fluência leitora. Progressos aos quais foram satisfatoriamente percebidos pelos familiares, que acompanhando toda trajetória, fez-se parte essencial para obtenção dos resultados. Os mesmos, como maneira de reconhecimento e agradecimento pelos avanços alcançados pelos seus filhos, enviam frequentes vídeos e áudios para a professora, mostrando sua gratidão. Desse modo, provou-se que não há desafio que não seja superado, quando pais e professores dão-se as mãos com o mesmo propósito.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trás consigo relevantes aspectos que busca subsidios para reflexão acerca do desenvolvimento cognitivo e a relação atuante da prática docente, mediante as dificuldades de alfabetização encontrada na Turma do 3º ano do Ensino Fundamental da escola pública antes mencionada, dificuldades estas, que sofreram agravamentos no periodo de pandemia, onde os discentes foram submetidos ao ensino remoto emergencial, e o conhecimento chegou até eles de forma escassa, considerando a necessidade de intervenção apresentada, o que refletiu em um notório desâmino cognitivo. Partindo desse preceito, esta pesquisa deteu-se a atuação da prática pedagógica interventiva nas dificuldades cognitivas que resultaram em significativos avanços neuronais, impulsionando os resultados na alfabetização do alunado. Um processo emocionante que aguça o brilho no olhar, como reflexo da emoção sentida pela ao criança, ao desvendar os códigos alfabéticos e poder voltar a sonhar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1º e 2º ciclo do ensino fundamental)** v.3. Brasília:MEC,1997.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler.** Porto Alegre:Penso,2012.

FERREIRO, E. **Desenvolvimento da alfabetização: psicogênese.** In: GOODMAN, Yetta M. (org.). *Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita: Perspectiva piagetiana.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MORTATTI, **Os órfãos do construtivismos.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. Araraquara, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9193/6084>>.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos.** 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2017.

WEISZ, Telma. **Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão um problema mal resolvido.** In; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS. Ciclo Básico. São Paulo: SE/CENP, 1988

SILVA, Carla Cristina dos Santos. **Neurociência para Alfabetização.** 1ª Edição, Maringá:SHS Editora, 2020.

TOKUHAMA-ESPINOSA, Tracey. **Why Mind, Brain, and Education Science is the “New” Brain-Based Education.** 2011. Disponível em: <<http://education.jhu.edu/PD/newhorizons/journal/Winter2011/Tokuhama1>>. Acesso em 13 de julho de 2021.

Alfabetização foi a etapa do ensino mais afetada no brasil durante a pandemia, segundo UNICEF. Jornal Nacional. 13 de julho de 2021. Disponível em:<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/07/22/alfabetizacao-foi-a-etapa-do-ensino-mais-afetada-no-brasil-durante-a-pandemia-segundo-unicef.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_n=jn&fbclid=IwAR0NwsRuHTeVJDIENoknRM62j_rkM-BJ0TJC9C1WeiEa9jt9y2sLh5WWhs>. Acesso em 23 de julho de 2021.